



Vídeo Entre-Linhas: Relato de Experiência sobre a produção do documentário “Parque da Faguense”¹

Vandressa Teixeira GARZON²

Cláudia Herte de MORAES³

Janaina GOMES⁴

Universidade Federal de Santa Maria, Frederico Westphalen, RS

RESUMO

O projeto “Vídeo Entre-Linhas: formação de jovens realizadores em Frederico Westphalen” é realizado pelo Departamento de Ciências da Comunicação da UFSM nas chamadas “Linhas”, que são localidades rurais. Durante o segundo semestre de 2014, um dos documentários produzidos pelos jovens participantes, foi “Parque da Faguense” o qual aborda aspectos históricos, físicos e bióticos do parque municipal daquela localidade. Neste artigo, será abordada detalhadamente a produção deste vídeo documentário e sua relação com os aspectos da Comunicação, da Educação e da inclusão dos jovens na cultura.

Palavras-chave: Comunicação Audiovisual; Educomunicação; Identidade jovem; Inclusão.

INTRODUÇÃO

A cultura atual é marcada essencialmente por produtos audiovisuais, especialmente os veiculados nas redes de televisão aberta, que podem ser: filmes, novelas, desenhos animados, documentários, programas de esporte e entretenimento, entre outros. É inegável o valor da imagem nos processos de aprendizagem atuais. O investimento cada vez maior no aprimoramento das produções cinematográficas e televisivas, sem falar nas inovações constantes no campo da informática, tem fortalecido o contato entre o sujeito e a imagem.

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

² Estudante de Graduação 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFSM-FW, email: vandi.garzon@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UFSM-FW, email: chmoraes@gmail.com

⁴ Coorientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UFSM-FW, email: jgomesfw@gmail.com



O cinema faz parte hoje da nossa cultura audiovisual que, a partir da segunda metade do século XX, passou a ser também televisão, vídeo, computador, internet, games e até telefones móveis. Mas é bom lembrar que a linguagem e os recursos audiovisuais utilizados na publicidade, na ficção televisiva, nos desenhos, nos clips e da maioria dos filmes produzidos nas oficinas audiovisuais vêm do imaginário do cinema (BERGALA, 2008). Portanto, conhecer a sintaxe e a gramática da linguagem do cinema é conhecer também o mundo audiovisual que nos cerca.

No entanto, o questionamento que se faz é até que ponto a cultura audiovisual das produções abrangentes e para um público massificado podem ser recebidas, entendidas e vivenciadas em contextos diferentes. Todavia, se por um lado há popularização no acesso aos conteúdos disponibilizados por meios audiovisuais como a televisão, por outro lado também há uma assimetria no acesso aos meios e centros produtores desses conteúdos. Além disso, a percepção das comunidades sobre suas próprias experiências é quase sempre deixada de lado pela chamada grande mídia.

Porém, no interior do Rio Grande do Sul, mais precisamente na cidade de Frederico Westphalen, é realizado um projeto de extensão com alunos das comunidades rurais, que tem como objetivo principal retratar, através de vídeos documentários de curta duração, a realidade vivida por esses jovens.

O projeto de extensão “Vídeo Entre-Linhas: formação de jovens realizadores no interior de Frederico Westphalen e Região” é realizado em localidades rurais do município, as chamadas “Linhas”, através do Curso de Jornalismo da UFSM, campus de Frederico Westphalen. O projeto atuou nos anos de 2008 e 2009, retornando as suas atividades no ano de 2014. O objetivo do mesmo é capacitar jovens da zona rural do município à produção audiovisual, oportunizando a adoção de posições como as de autores e produtores e não mais, apenas, consumidores culturais.

No projeto Vídeo Entre-Linhas, utilizou-se a capacitação em audiovisual, na produção de vídeo especificamente, para atuar na área cultural, colaborando para uma visão mais abrangente da cultura do campo. Dessa forma, o presente artigo tem como objetivo principal explicar sobre o processo de produção, de um documentário de curta duração, realizado por estudantes moradores da Linha Faguense, localidade esta que possui aspectos naturais de importante ressalva, uma vez que lá se encontram inúmeros conjuntos de quedas d’água, o que faz o Parque ser um ponto turístico municipal. No entanto, o que encontramos ao começarmos as gravações foi um cenário de total descaso, tanto do poder público municipal, quanto por parte da população que usufrui



do espaço. Porém, durante as gravações do documentário o poder público municipal teve uma posição positiva e de esperança para os moradores da Linha Faguense, os quais muitas vezes pediram soluções para o Parque, e não foram atendidos.

Dessa forma, cabe refletir sobre a importância do audiovisual no processo de inclusão social e na formação da identidade do jovem do interior, que tem a oportunidade de apropriar-se da narrativa e da linguagem do vídeo através das gravações e questionamentos feitos durante a produção, buscando soluções e alternativas para os problemas que os inquietam.

RELAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Não faz muito tempo, educação e comunicação eram áreas consideradas totalmente diferentes, com especificidades próprias, papéis e funções definidas. Hoje, isso não ocorre mais, uma vez que esses dois campos de saberes atuam como formadores de consciência e orientadores de opinião. Educação e comunicação tornaram-se processos inseparáveis.

O educador Paulo Freire considerava, por exemplo, os dois processos (educação e comunicação) semelhantes. Para ele, comunicar era uma atribuição básica do educar. O educar seria, então, uma comunicação específica. Paulo Freire afirmava que o verdadeiro objetivo da educação é “transformar o mundo”. Aprender a ler é aprender a compreender o mundo, ou seja, ter acesso ao fascinante universo da literatura, a todo conhecimento produzido e registrado de maneira escrita. E aprender a escrever significa mudar esse mundo, imprimir nele sua própria experiência, seu ponto de vista, sua opinião.

Educação e comunicação, assim como a educomunicação, são formas de conhecimento, áreas do saber ou campo de construções que têm na ação o seu elemento inicial. Trata-se, então, de um espaço no qual se mesclam saberes historicamente constituídos

O pesquisador espanhol Jesús Martín-Barbero definiu a educomunicação como:

[...] um processo educativo que permite aos alunos apropriarem-se criativamente dos meios de comunicação; integrar a voz dos estudantes ao Ecosistema Comunicativo da escola e, em última instância melhorar a gestão do ambiente escolar com a participação dos educandos. (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 19)

Se há algo que particulariza, caracteriza ou é específico desse campo chamado educomunicação, é a sua capacidade de entrecruzar saberes, promovendo a interlocução



ou o diálogo entre os que constroem e se utilizam desses saberes. Segundo Donizete Soares, o que a educomunicação faz é:

Possibilitar um novo entendimento e uma nova leitura dos saberes que, enquanto sujeitos sociais, temos construído e admitido como verdadeiros e importantes para nós. Quer enquanto prática quer enquanto pesquisa teórica, o campo da Educomunicação possibilita que se revelem e tornem públicos os registros constantemente feitos, tanto pelos grupos organizados em torno da constituição dos saberes quanto de nós sobre nós próprios. (SOARES, 2006, p.3)

Assim, sendo o desenvolvimento de um projeto que tem como foco a educomunicação é uma experiência significativa e exige muito desprendimento dos sujeitos envolvidos, bem como a abertura constante à negociação e avaliação frequente dos resultados, tendo em vista os objetivos propostos.

JUVENTUDE

Segundo Setton (2010), a formação do indivíduo se dá por uma combinação de várias instâncias, sendo as principais: a família, a escola, a mídia e a religião. Tomando os 63 conceitos sobre formação do indivíduo da psicologia social de Bosi (2003), podemos pensar como a escola tem um papel relevante a desempenhar na desconstrução de estereótipos, preconceitos e na tomada de consciência da cidadania e da alteridade. Ainda mais se pensarmos que a mídia se volta normalmente para os interesses de mercado, tendendo ao consumo rápido e breve, apoiando-se largamente em estereótipos.

Pierre Bourdieu (1983) observa como a separação do mundo do jovem e o do adulto baseia-se em uma fronteira arbitrária, em um poder de divisão que estabelece o que é apropriado uns e outros fazerem – poder este que em nossa sociedade está nas mãos do segundo. A separação jovem-adulto é uma estratificação social, baseada em uma classificação objetiva por idade, a qual implica na delimitação de espaços e na imposição de uma ordem.

A questão do protagonismo juvenil deve ser discutida para além das estratégias de inserir jovens adolescentes que não possuem acesso imparcial/parcial de produtos midiáticos comumente utilizados, mas como sendo forma de participação efetiva, direito e dever de todo jovem exercer sua cidadania e a sua capacidade de gerenciar recursos materiais e simbólicos, seja dentro da escola ou comunidade através do empreendedorismo.

O protagonismo juvenil parte do pressuposto de que o que os adolescentes pensam, dizem e fazem pode transcender os limites do seu entorno pessoal e familiar e influir no curso dos acontecimentos da vida comunitária e social mais ampla. Em outras palavras, o protagonismo juvenil é uma forma de reconhecer que a participação do adolescente pode gerar mudanças decisivas



na realidade social, ambiental, cultural e política onde estão inseridos. Nesse sentido, participar para o adolescente é envolver-se em processos de discussão, decisão, desenho e execução de ações, visando, através do seu envolvimento na solução de problemas reais, desenvolver o seu potencial criativo e a sua força transformadora. Assim, o protagonismo juvenil, tanto como um direito, é um dever dos adolescentes. (COSTA, 1997, p.65)

O protagonismo juvenil deve priorizar a intervenção comunitária, procurando, com a ação concreta dos jovens, contribuir para uma sociedade mais justa, a partir da incorporação de valores democráticos e participativos por parte dos jovens e da vivência do diálogo, da negociação e da convivência com as diferenças sociais. Assim, o protagonismo juvenil pressupõe sempre um compromisso com a democracia.

Desse modo, pode-se falar em participação ativa de sujeitos que possam ser questionadores e reflexivos nas mais variadas temáticas sociais, bem como nos aspectos ambientais, culturais, entre outros.

COMUNICAÇÃO E CIDADANIA

A teoria clássica de Thomas Marshall, de 1949, já anunciava uma das noções mais importantes de cidadania: “o direito a ter direitos”. Marshall (1967, p. 109) afirma que “a preservação das desigualdades econômicas se tornou mais difícil pelo enriquecimento do status da cidadania”. O autor destaca ainda que o movimento da igualdade “opera, em parte, através da cidadania e, em parte, através do sistema econômico. O objetivo consiste em remover desigualdade que não podem ser consideradas como legítimas”.

Segundo Gentili (2005, p. 16), os meios de comunicação podem funcionar como “instituições sociais que, como organizações voltadas para a produção de informação pública, constituem-se em instrumentos de mediação e representação dos cidadãos”. O mesmo autor adverte ainda para “a ausência de estudos que relacionem a discussão dos mecanismos de difusão de informação nas modernas sociedades de massa com o processo de alargamento dos direitos de cidadania”. Ele ainda sugere que o direito à informação pode ser um instrumento importante para pensarmos a questão da cidadania. Enquanto predominar a ideia da desigualdade da sociedade, estará comprometido o processo que conduz à plena cidadania.

Hoje há unanimidade no que diz respeito aos direitos do homem, independentemente de sua formação ou classe social. Gentili (2005, p.93) esclarece que “o ser humano é cada vez mais reconhecido como um potencial cidadão, como um ser com possibilidades de emancipar-se plenamente (...)”. Para que este ser humano alcance



a cidadania, ele precisa de fato ser incluído no processo de decisão coletiva, o que requer uma sociedade democrática. Sem democracia não há cidadania.

De acordo com Morigi e Rosa (2004, p.82) “[...] a mídia, entendida como um espaço discursivo, representa talvez a principal esfera de produção de sentidos a partir da qual também se pode construir a cidadania”. É pela comunicação midiática que se elaboram muitos dos discursos tidos como legítimos na atualidade, pois de acordo com estes autores (p.84), “[...] no espaço público midiaticizado, os campos e atores sociais confrontam-se com uma difícil e simultânea convivência entre inclusão e exclusão, liberdade e coação, autonomia e dependência”.

A comunicação pode também escolher o seu caminho, sendo ou não democrática, criando ou não possibilidades para o exercício da cidadania, de modo que se concretize a ideia dos direitos universais do homem, ultrapassando as fronteiras dos Estados nacionais, consagrando o homem como “cidadão do mundo” (GENTILLI, 2005, p.113). Embora sabendo-se que isso é quase impossível de se concretizar, por outro lado é uma concepção que não irá mudar. Assim sendo, não há mais como sustentar uma ideia de cidadania sem reconhecer que todo homem é um cidadão que tem direito à participação.

Segundo Gentilli (2005, p. 128), o direito à informação “[...] é um direito que fomenta o exercício da cidadania e permite ao cidadão o acesso e a crítica aos instrumentos necessários ao exercício pleno do conjunto dos direitos da cidadania. Não podemos, porém, reduzir o compromisso de chegar à cidadania somente pela noção de informação. Rubim (2003, p.113) acredita que é insuficiente reduzir a noção de comunicação à informação. Ele afirma que “a formulação do direito à comunicação (...) e sua concretização através da luta política aparecem como condição para democratizar a comunicação e a informação”. Pela dificuldade de concretizar esses direitos, o autor também considera difícil poder falar hoje em cidadania plena.

LINGUAGEM AUDIOVISUAL

O cinematógrafo, exibição pública da imagem em movimento, causou sensação em 1895, em Paris. A invenção dos Irmãos Lumière conseguiu realizar um sonho perseguido há muito pelos homens: o registro da imagem em movimento como se fosse real.

Nos primeiros tempos, o cinema apenas registrava acontecimentos, mostrava cenas da vida cotidiana, o que já era motivo de grande impacto. A invenção do cinema



como espetáculo, com edição de imagens resultando em “trucagens”, é atribuída ao ilusionista George Méliès. Essa fase é conhecida como o “primeiro cinema”, é o período do registro de imagens em movimento.

Segundo Carrière (2006), o que vai transformar o cinema na experiência cultural mais importante do século XX, essencial do nosso imaginário e nossa sensibilidade, é a criação da linguagem do cinema, resultante da edição e da montagem.

No início, a linguagem do cinema trouxe elementos tão novos, que causavam sensações tão estranhas, que poucos poderiam absorvê-la sem “ajuda” ou esforço. Nos primeiros dez anos um filme ainda era uma sequência de tomadas estáticas, que mais parecia teatro. Eram imagens com câmera parada, portanto não tão difíceis de serem entendidas após algumas experiências. Uma vez entendido, a reação das pessoas era querer compreender os truques daquela mágica. E depois assimilavam, entendendo que o trem dos irmãos Lumière não irromperia a tela.

Não surgiu uma linguagem autenticamente nova até que os cineastas começassem a cortar o filme em cenas, até o nascimento da montagem e da edição. Foi aí, na relação invisível de uma cena com a outra, que o cinema realmente gerou uma nova linguagem. No ardor de sua implementação, essa técnica aparentemente simples criou um vocabulário e uma gramática de incrível variedade. Nenhuma outra mídia ostenta um processo como esse (CARRIÈRE, 2006, p.16).

A introdução da tecnologia do vídeo digital dinamizou a prática cinematográfica e permitiu o avanço do processo de hibridação entre o cinema e o vídeo, como explica a pesquisadora comunicacional Ivana Bentes.

O diálogo com o vídeo foi um momento decisivo, de embate, “crise”, reação e deriva no campo do cinema. Transformações, virtualização e desterritorialização das imagens que culminaram na constituição de um novo campo: o do audiovisual. De um lado, o cinema sonhou o vídeo e “antecipou” alguns de seus procedimentos, “informando” a nova linguagem (as vanguardas históricas, o cinema experimental, a história do documentário), de outro, a potência do vídeo trouxe novas técnicas e procedimentos, desconfigurando o cinema e sendo incorporado por ele, trazendo fôlego à grande indústria cinematográfica e ao cinema contemporâneo (BENTES, 2003, p.113).

Nesse contexto, é inegável o valor da imagem nos processos de aprendizagem atuais. O investimento cada vez maior no aprimoramento das produções cinematográficas e televisivas, sem falar nas inovações constantes no campo da informática, tem fortalecido o contato entre o sujeito e a imagem. O aluno já não se vê como mero personagem passivo, inserido no espaço escolar, como refém de uma metodologia verticalizada de ensino.

Até meados do século XX, a discussão sobre a introdução das tecnologias na Educação se restringiam ao uso do cinema e do rádio, a partir de sua função



“educativa”. Com o advento da televisão e com a consolidação de sua forma no imaginário popular, ampliou-se também a perspectiva de diálogo entre a educação e o campo do audiovisual, abrindo-se espaço para se considerar o conjunto desses recursos como um produto cultural assumido tanto como “como recurso didático” quanto como “expressão artística”. A denominada cultura audiovisual pode ser muita coisa: os slides, os filmes, as transparências dos retroprojetores, os vídeos educativos ou de ficção, os DVDs, as fotografias, a internet, os telefones celulares, etc.

O produto do cinema é o filme, que pode ser apresentado, hoje em dia, em diversos suportes. Ao falar de cultura audiovisual, fica claro que o cinema influenciou e influencia todas as outras possibilidades de produções audiovisuais (*clips*, publicidade, ficção televisiva, documentários na televisão e até um filme realizado de forma doméstica). O especialista em cinema Alain Bergala (2008) define o cinema como criação de conhecimento, e não apenas de puro consumo voltado ao entretenimento. Ele defende a importância do encontro do educando, sobretudo em sua juventude, com os bons filmes, onde ele diz que “nada poderá substituir essa primeira emoção que marca todo o verdadeiro encontro com o cinema” (2008, p. 60).

Ao considerarmos a aproximação cinema e educação, na perspectiva educacional, entendemos que o cinema faz o papel do desordeiro, no sentido de abrir a escola para o mundo da arte e da cultura. O que podemos compreender é que hoje não se questiona mais se o cinema deve ou não entrar na escola, mas como deve entrar e como deve ser aplicado na escola, ajudando a formar e transformar para melhor as crianças e jovens que por lá passam por um período de suas vidas. De acordo com Almeida (1994, p. 48), o cinema na escola é importante porque traz para a escola aquilo que ela se nega a ser e que poderia transformá-la em algo vívido e fundamental: “participante ativa da cultura e não repetidora e divulgadora de conhecimentos massificados, muitas vezes já deteriorados, defasados”.

RELATO DA PRODUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO “PARQUE DA FAGUENSE”

O projeto de extensão “Vídeo Entre-Linhas: formação de jovens realizadores no interior de Frederico Westphalen e Região” é realizado em localidades rurais do município, as chamadas “Linhas”, através do Curso de Jornalismo da UFSM, campus de Frederico Westphalen. O projeto atuou nos anos de 2008 e 2009, retornando as suas atividades no ano de 2014. O objetivo do mesmo é capacitar jovens da zona rural do



município à produção audiovisual, oportunizando a adoção de posições como as de autores e produtores e não mais, apenas, consumidores culturais. O trabalho começa a partir da sensibilização, nas redes públicas de ensino básico do município de Frederico Westphalen e em algumas cidades da Região, buscando a participação de jovens residentes na zona rural. O projeto Vídeo Entre-Linhas é uma iniciativa que permite vislumbrar as inúmeras possibilidades que a extensão universitária traz à área da comunicação. As edições do projeto deram à comunidade as condições de mostrar pelos vídeos produzidos, suas histórias e lendas, tratando de acontecimentos marcantes vividos ou lembrados por moradores de cada lugar. Proporcionou aos jovens e à população, um contato direto de transmissão de conhecimentos, tanto das histórias que os mais antigos contam, quanto ao “como é e foi, e o que fazem no cotidiano daquele lugar”, com o uso de entrevistas e relatos dos moradores e profissionais que atuam nas localidades. Durante o primeiro semestre de 2014, foram atendidos 41 alunos, divididos em quatro turmas, já no segundo semestre de 2014 atendemos o total de 61 alunos, divididos em 3 turmas.

Para que os monitores realizassem suas tarefas, a metodologia de ensino aos alunos foi dividida da seguinte maneira:

Oficina 1: Questionamento aos alunos sobre o que é linguagem audiovisual, apresentação de exemplos de diferentes gêneros fílmicos, evolução da linguagem audiovisual, história do cinema, bem como, explicar o que é um documentário e um filme, e por fim, a apresentação dos alunos, através da câmera filmadora, onde os mesmos tiveram a experiência de manuseá-la.

Oficina 2: Abordagem dos princípios básicos de filmagens como – diferentes tipos de planos, enquadramento, movimento, angulação, mudança de planos. Alguns tópicos foram apresentados através de recorte de revistas, e outros com vídeos.

Oficina 3: Técnicas de narrativa audiovisual, e início da preparação do roteiro para a gravação do documentário.

Oficina 4: Discussão da importância da iluminação, e produção textual, com base nas informações que os próprios jovens coletaram.

Oficina 5: Captação das imagens.

Oficina 6: Término das captações, e aula explicativa sobre os princípios de edição.

No entanto, será abordada apenas a produção de um vídeo documentário, o documentário “Parque da Faguense”. Nessa turma tínhamos a participação de 5 alunos



moradores da Linha Faguense, nossos encontros eram semanais, todos os sábados. Como não tínhamos um espaço para darmos as aulas, os pais de duas alunas gentilmente nos cederam a sala de sua casa, para que as aulas fossem dadas. Nos encontramos durante 5 encontros, para que então começássemos as gravações. Para a gravação desse documentário utilizamos uma câmera Nikon D5200, lente 18-105mm e um microfone do tipo Rode Shotgun Videomic Pro Compact, ambos pertencentes ao projeto.

A turma desde o início sempre se mostrou interessada nas aulas, ao mesmo tempo faziam questionamentos construtivos. Quando nos encontramos para fazer o roteiro da gravação, momento que sempre é considerado o mais difícil pelos oficinairos, a turma se mostrou bem adaptada as questões audiovisuais. Construimos o roteiro facilmente, e já marcamos as entrevistas e captações. Começamos a fazer as captações em uma terça-feira, pois não tínhamos tempo de finalizar o vídeo, conforme o cronograma que estávamos seguindo. Na mesma semana, agora no sábado continuamos as captações, que seguiram normalmente. Durante a semana fomos confirmando com os alunos as entrevistas, tanto com as pessoas que sabiam da história do parque, quanto com o poder público municipal.

No dia em que fomos até a Prefeitura Municipal para gravarmos com o prefeito e secretário de meio ambiente, nem todos os alunos puderam se fazer presentes, para que todos tivessem a oportunidade de operar a câmera fizemos rodízio de alunos por gravações, mesmo tendo na equipe alunos destinados a operar os equipamentos. Quando chegamos na prefeitura, fomos muito bem atendidos e encaminhados até uma sala para gravarmos as entrevistas. As questões das entrevistas foram muito bem produzidas, os questionamentos feitos pelos alunos aos gestores foram de extrema relevância, para que o documentário tivesse uma posição concreta do poder público municipal. Nessa mesma semana, também gravamos com os demais entrevistados, os quais trataram de questões como surgimento do parque, como era antigamente, entre outros, tratando da realidade histórica do local, o que deu a 'liga' na produção.

Após realizarmos todas as captações para o documentário, os alunos se deslocaram até o Laboratório de Televisão localizado na UFSM –campus Frederico Westphalen, para que acompanhassem em tempo real a edição do produto. Pois a edição é realizada pelos monitores, uma vez que o software que usamos é pago, e nem todos os computadores o suportam. Antes de iniciarmos as edições, foram dadas dicas aos alunos quanto as captações, edição, cuidados com os materiais, entre outros.



Nesse encontro também escolhemos as trilhas que utilizaríamos, lembrando sempre que todas as trilhas deveriam ser livres, e dessa forma mostramos o site que continha algumas delas. Como nesse encontro não tivemos tempo suficiente para editar todo o material, os monitores ficaram de terminá-lo, pois nosso cronograma já estava com o tempo esgotado. Passados 10 dias desse encontro, marcamos uma mostra itinerante na casa das alunas, nesse encontro estiveram presentes todos os alunos e seus familiares, onde mostramos todos os vídeos realizados no semestre, e para encerrar com chave de ouro apresentamos o documentário feito pela equipe. Após a mostra, fizemos uma roda de conversa sobre o que os pais e alunos acharam da participação do projeto em suas vidas, uma vez que para que muitos pudessem comparecer as aulas muitos pais se deslocavam de suas residências/trabalhos para que os seus filhos tivessem a oportunidade de gravar! Todos os pais se mostraram orgulhosos pelo resultado do documentário, e retribuíram em forma de elogio a todos os envolvidos na produção, tanto para os alunos/filhos quanto para os monitores. A participação na gravação do documentário “Parque da Faguense” sem dúvidas foi muito proveitosa, pois tínhamos trocas de conhecimentos, nós, monitores com o conhecimento prático e teórico, e os alunos com o conhecimento que tinham sobre a Linha que vivem.

CONCLUSÕES

No projeto Vídeo Entre-Linhas: formação de jovens realizadores em Frederico Westphalen, os jovens do campo são os formuladores de seus próprios temas e vídeos. Que lugar e que perspectivas têm? O que lhes “faz” a cabeça? Qual a relação que guardam do campo com a cidade? Como as vivências se estabelecem.

E é justamente a demonstração do lugar em que vivem que eles conseguiram trazer à tona através das gravações realizadas. A produção do material não teve intenções baseadas somente na perfeição técnica ou teórica, mas sim levou aos jovens participantes a ideia de que é possível construir e gravar um vídeo documentário.

Também foi possível perceber que uma câmera filmadora e um microfone, possuem um certo empoderamento. No caso da produção do documentário “Parque da Faguense”, os participantes obtiveram respostas que nunca foram dadas a população daquele lugar, a qual muitas vezes se manifestou através de visitas ao poder público municipal, ligações, redes sociais. No entanto, com os questionamentos feitos por esses jovens, eles alcançaram respostas satisfatórias sobre o futuro do Parque da Faguense,



confirmando a ideia de que os meios de comunicação, no caso, o audiovisual, são as estrelas do processo atual e tornam-se, a cada dia uma poderosa arma na sociedade.

A produção do documentário “Parque da Faguense” e as demais produções realizadas no projeto se mostraram de extrema importância para a formação sociocultural dos jovens participantes, uma vez que houve uma maior valorização do lugar onde vivem, das pessoas com que convivem e as ações que produzem, da mesma forma que mostram as características e necessidades de lugares que muitas vezes não são de conhecimento público.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Milton José. **Imagens e Sons: a nova cultura oral**. São Paulo: Cortez, 1994.

BENTES, Ivana. **Vídeo e Cinema: rupturas, reações e hibridismo in Made in Brasil**. Três décadas do vídeo brasileiro. São Paulo: Itaú Cultural, 2003.

BERGALA, Alain. **A hipótese-cinema: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola**. Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2008.

BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória**. São Paulo: Ateliê Cultural, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CARRIÈRE, Jean-Claude. **A Linguagem Secreta do Cinema**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

COSTA, A.C. **Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática**. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.

COSTA, A. C **Mais que uma lei**. São Paulo: Instituto Ayrton Senna, 1997.

GENTILLI, Victor. **Democracia de massas: jornalismo e cidadania: estudo sobre as sociedades contemporâneas e o direito dos cidadãos à informação**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

RUBIM, Antônio Albino Canelas. “**Cidadania, comunicação e cultura**”. In PERUZZO, C.M.K., ALMEIDA, F. (org.). **Comunicação para a cidadania**. São Paulo: Intercom, 2003.

SOARES, Donizete. **Educomunicação – O que é isto? Gens, Serviços Educacionais**. Disponível em: www.portalgens.com.br . Acesso em: Outubro de 2014.



SETTON, Maria da Graça J. **Mídia e Educação**. São Paulo: Contexto, 2010.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação**. Comunicação & Educação. São Paulo (23): ECA, USP, Abril 2002.

MARSHALL, Thomas Humphrey. Cidadania e Classe Social. In: MARSHALL, T. H. **Cidadania, Classe Social e Status**. Trad. Meton P. Gadelha. Rio de Janeiro, Zahar, 1967.

MORIGI, V. e ROSA, R.. “**Cidadania Midiatizada, Cidadão Planetário**”. Revista Comunicação e Espaço Público, Ano VII, nº 1 e 2, 2004. Disponível em www.unb.br/fac/posgraduacao Acesso em: Out. 2014.